



# **Job: ecos de perplexidade e de esperança**

**Maria Luísa Almendra**

**Lisboa – 3.12.2012**

**A oportunidade de falar de Job, da sua perplexidade e esperança,  
num tempo de Advento!**

No Advento a liturgia repete-nos com frequência e garante-nos, quase que a vencer a nossa natural desconfiança, que **Deus "vem"**! **Vem para estar connosco, em qualquer situação; vem para habitar no meio de nós, para viver connosco e em nós; vem preencher as distâncias que nos dividem e nos separam; vem para nos reconciliar com Ele e entre nós.**

Vem à história da humanidade, bater à porta de cada homem e mulher de boa vontade, para dar aos indivíduos, às famílias e aos povos o dom da fraternidade, da concórdia e da paz.

Por isso, o Advento é por excelência **o tempo da esperança**, no qual os crentes em Cristo são convidados a permanecer em expectativa vigilante e laboriosa, alimentada pela oração e pelo compromisso efetivo do amor.

Bento XVI

**A esperança, no livro de Job, não é um tema privilegiado pelos comentadores, que preferiram sempre explorar os temas:**

- do sofrimento,**
- do mal, da retribuição,**
- da linguagem sobre Deus,**
- do interesse e desinteresse da fé e da virtude,**
- da figura crística de Job na sua revolta ou paciência.**

O desafio exegético é imenso:

-por um lado o livro de Job é um livro poético, que avança através de símbolos mais do que através de conceitos...

-por outro, a própria simbólica da esperança parece ausente.

O percurso não pode ser, portanto, o do tema da esperança no livro de Job, mas essencialmente a **esperança de (do personagem)**

**Job**. A investigação orienta-se para uma comparação entre o modo de reagir de Job com o modo de reagir dos amigos ou dos outros personagens, interrogando-nos sobre o sentido global da esperança que ecoa na obra.

Para esta apresentação acompanhamos o estudo de:

MIES, F., «Est-il sage d'espérer en Dieu. L'énigme de Job», in *Toute la sagesse du monde* (FS M. Gilbert), (Bruxelles 1999) 385-417)

- Observação previa sobre a riqueza semântica do **conceito da esperança**:
  - . o verbo esperar expressa uma intencionalidade, uma «tensão para». É a partir deste movimento que a esperança se divide em duas ações:  
**a do próprio movimento (esperar)**  
**e o do termo do movimento ou objeto da esperança (esperado).**

Uma tendência quase natural é o de assimilarmos quase sempre a esperança ao seu objeto, perdendo de vista a dimensão antropológica e dinâmica da esperança. Por isso, à pergunta «Qual é a tua esperança?» normalmente aparece uma resposta que sublinha o conteúdo (ex. «vida eterna»).

Uma investigação sobre a esperança nunca deve perder de vista a dimensão primeira da esperança: **a esperança como um movimento ou uma tensão para**. Uma tensão para um bem futuro, proveniente de um desejo ou de um julgamento de probabilidade, que difere da alegria (bem presente) ou da nostalgia (bem passado) ou do medo (mal futuro). Trata-se de **uma tensão que mobiliza o desejo e que difere de uma simples antecipação. Atravessa momentos de incerteza e de confiança...**

## Semântica da esperança no livro de Job

Em comparação com o uso da semântica da esperança nos outros livros bíblicos, em Job ela aparece bem usada, mobilizando um vasto campo lexical.

Em relação aos Salmos, notamos dois aspectos particulares:

-Job usa mais os substantivos do que o verbo esperar, sublinhando mais o ato da esperança que o seu objeto. O salmista espera o Senhor, enquanto no livro de Job, ninguém tenta levar a esperança de Job para Deus.

-Alguns autores sublinham este aspecto, perguntando-se: **porque é que os amigos nunca exortam Job a esperar em Deus e a reconhecer apenas nele a sua esperança? Porque é que a esperança em YHWH está totalmente ausente do livro de Job?**

-Se a semântica da esperança em Deus é própria dos salmos de lamentação, porque é que, no livro de Job, que coloca em cena uma situação semelhante de lamento e sofrimento, não se faz uso de uma mesma semântica?

- Em Israel a esperança tendia a orientar-se por teoria da retribuição

Esta teoria aparece no livro de Job fortemente abalada e com ela, uma das esperanças fundamentais do ser humano é colocado em causa: o desmoronamento da teoria da retribuição, compreendido como **uma crise da sabedoria, é ao mesmo tempo uma crise da esperança**. No entanto, paradoxalmente, querer discernir a causa do mal que atinge Job revela o esforço de abrir uma via de saída.

É no contexto de uma teoria da retribuição que devemos entender as afirmações do Livro de Provérbios:

Pr 11,<sup>7</sup> Morto o ímpio, **desaparece a sua esperança,**  
e a expectativa dos iníquos perecerá.

Pr 10<sup>28</sup> A expectativa dos justos dá alegria,  
porém, **a esperança dos ímpios desaparecerá.**

Pr 24<sup>14</sup> Assim adquires a sabedoria que te dá a vida.  
Se a adquirires, terás um bom futuro  
**e a tua esperança não será frustrada.**

É também deste modo que **os amigos de Job** entendem a questão da retribuição. **A esperança enquanto objeto ou o que é esperado é a retribuição do justo – a felicidade;** uma felicidade que Job deve esperar se reconhecer o seu pecado e regressar à sua justiça. A teoria da retribuição constitui uma espécie de energia / provocação desta esperança:

Jb 4, <sup>6</sup> Não é a tua piedade a tua confiança,  
e a integridade da tua vida, **a tua esperança ?**

Jb 8 <sup>13</sup> Esta é a sorte dos que esquecem a Deus.

**A esperança do ímpio desvanecer-se-á.**

<sup>14</sup> A sua confiança ser-lhe-á arrancada;  
a sua segurança é uma teia de aranha...

<sup>20</sup> Porém, **Deus não abandona o homem íntegro,**  
nem dá a mão aos malvados.

Jb 11, <sup>13</sup> **Se voltares o teu coração para Deus**

e para Ele levatares as mãos,

<sup>14</sup> se afastares a iniquidade das tuas mãos  
e não deres guarida à injustiça na tua tenda...

<sup>16</sup> porque esquecerás as tuas penas,  
ou as recordarás como águas passadas...

<sup>18</sup> viverás seguro, pois **terás esperança**,  
olhando em volta, dormirás tranquilo.

<sup>19</sup> Repousarás sem que ninguém te perturbe,  
e muitos acariciarão o teu rosto.

<sup>20</sup> Mas os olhos dos maus esgotar-se-ão de procurar:  
faltar-lhes-á todo o refúgio,  
e a sua esperança será exalar o último suspiro.»

**É também assim que Job parece entender a esperança:**

Jb 7, <sup>2</sup> Como um escravo suspira pela sombra,  
e o jornaleiro espera seu salário,  
<sup>3</sup> assim eu tive por quinhão meses de sofrimento,  
e couberam-me em sorte noites cheias de dor.

É em vão que Job espera o seu salário. Pior ainda, a retribuição foi invertida...

Jb 30 <sup>26</sup> Quando esperava felicidade, veio a desgraça,  
esperava a luz e vieram as trevas.

Job partilha a esperança incluída numa retribuição e que nos reenvia aos tempos felizes do prólogo. Mas a sua esperança, juntamente com a teoria da retribuição que a sustinha, é desmentida. A teoria da retribuição abria uma possibilidade sobre um futuro que, pela conversão, não previa o sofrimento presente...

**Com Job, a esperança, ao mesmo tempo que a sabedoria, entra em crise. Por isso, já Kant perguntava: Existe uma esperança para Job?**

## Os amigos de Job: uma esperança desiludida

Job volta-se para os amigos: esperou neles, na sua compreensão, acompanhamento e atenção. É o eixo da alteridade intrínseca à esperança que ele explora:

Jb 6,<sup>14</sup> O desalentado precisa da compreensão de um amigo,  
se não, abandona o temor do Poderoso.

<sup>15</sup> Os meus irmãos traiçoearam-me como uma torrente,  
como as águas das torrentes desapareceram...

<sup>21</sup> Assim fostes vós, nesta hora, para mim.

À vista do meu infortúnio atemorizais-vos.

A esperança de Job abriu-se pela amizade e fecha-se com uma amizade desiludida. A sua esperança era uma «**esperança em**», **dialógica, fraterna**. Com a sua decepção anuncia-se desespero, o deserto como só o deserto o pode ser.

- Terão os sábios razão de desconfiar da esperança?

Apesar da sua decepção, Job persiste em chamar os seus amigos:

Jb 6,27 «Voltai-vos para mim...»

Jb 13,17; 21,2 «Escutai as minhas palavras»

Jb 21,5 «Prestai-me atenção»

Em Jb 29 – 31, a sua apologia final, **Job renuncia definitivamente a esta esperança, para apelar unicamente para Deus**. Porém, antes dele voltara-se para os amigos.

## **A esperança em Deus**

**O livro de Job ignora a expressão «esperar em Yhwh» e Job jamais afirma «eu espero em Yhwh» ou «eu espero em ti».**

No entanto, a esperança em Deus não está totalmente ausente do livro. A semântica não é tudo. Convém notar se as palavras e se a sua atitude são um ato de esperança em Yhwh: uma esperança em ato?

## Os grandes textos (Jb 16,18-22; 17,2-3; 19,25-27)

Estes textos figuram todos no segundo ciclo de discursos (diálogos) feitos por Job e pelos amigos e apelam ao imaginário judicial. Sugerem uma espécie de processo que Job deseja estabelecer contra Deus. No entanto, **ainda que Job acuse Deus, ele afirma que Deus é sua testemunha e uma testemunha que depõe em seu favor:**

**Jb 16,** <sup>18</sup> Ó terra, não ocultes o meu sangue,  
nem sufoques os meus clamores.

<sup>19</sup> Tenho, desde agora, uma testemunha no céu,  
um defensor nas alturas,

<sup>20</sup> que interprete o meu pensar diante de Deus;

**para Deus correm as lágrimas dos meus olhos.**

<sup>21</sup> Oxalá ele julgue a causa do homem com Deus,  
como se julga a do homem com o seu semelhante!

<sup>22</sup> Mas são poucos os anos que me restam,  
e para a senda sem retorno me encaminho.»

Em **Jb 17,2-3**, traído pelos seus amigos e reconhecendo, implicitamente a sua dívida perante Deus, Job pede a Deus um fiador:

<sup>17,2</sup> Sou objeto de escárnio,  
e os meus olhos só vêm amarguras!

<sup>3</sup> Dá-me um fiador junto de ti,  
alguém que me segure pela mão.

O fiador é aquele que se dispõe a pagar uma dívida de outro... Nesta frase, o autor atribui a Job o reconhecimento de que Job não se fecha na declaração da sua inocência, **entrevendo que Deus, pode ele mesmo ser a sua garantia, assumindo todos os riscos ao fiador.**

Em **Jb 19,25-27** sejam quais forem as dificuldades textuais deste texto, é impossível não suspeitar que Job entenda que Deus será o seu salvador:

Jb, 19,25 Eu sei que **o meu redentor vive**

e se levantará, por fim, sobre o pó da terra;

<sup>26</sup> e depois de a minha pele se desprender da carne,  
na minha própria carne verei a Deus

<sup>27</sup> **Eu mesmo o verei**

os meus olhos e não (os de) um outro o contemplará!

As minhas entranhas consomem-se dentro de mim.

O texto mostra um Job bem descentrado dele mesmo. É a vida do salvador que está em questão «**sei que ele vive**». O salvador que Job pressente como vivo, apesar do imenso silêncio, é um Deus próximo e redentor...

**Ele não vê ainda a salvação, não vê Deus a arrancá-lo do mal, mas vê Deus como próximo**, apesar do seu silêncio e da sua distância.

Ele que em 9,11 afirmara «se ele passa por mim, não o vejo, é impercetível». Agora é a visão de Deus (3xs) – face-a-face – e através dela **na proximidade de Deus que ele espera.**

## A atitude de Job como uma esperança em ato

Mais do que um texto ou palavras, é a atitude de Job, ela mesmo que testemunha a sua esperança em Deus.

Enquanto o desespero é um conceito monológico que expressa um fechamento em si, a esperança é um conceito dialógico, que se esboça, funda e desabrocha na relação.

É verdade que Job, no seu sofrimento, se enrola por vezes nele mesmo (cf. 14,22; 30,16), porém existe sempre algo de dialógico; um queixar-se a; ele não geme simplesmente, ele chora para Deus:

**«os meus olhos choram para Deus» (16,20)**

Mesmo a expressão «a esperança do homem, tu destróis» (Jb 15,19) que, no seu conteúdo, expressa em si mesma uma forte acusação, é um tiro no desespero, enquanto implica no ato da palavra esta confiança e esperança por vezes mínima e exorbitante.

## Nesta tensão para Deus, o que espera Job? Que espera dele?

- Aparentemente, um face-a-face com Deus (19,27). Porém, a sua atitude pressupõe que ele **espera que Deus o escute e lhe responda**; a esperança que ele lhe explique claramente a sua situação:

10,2 «Direi a Deus: Não me condenes;  
faz-me saber por que contendes comigo.»

14,15 «Chamar-me-ias, e eu te responderia,  
e terias afeto à obra de tuas mãos»

31,35 «Ah! quem me dera um que me ouvisse!  
Eis que o meu desejo é que o Todo-Poderoso me responda,  
e que o meu adversário escreva um livro.»

Job subentende que depois de um tempo de esquecimento, Deus se recordará dele, não para o punir, mas para o desejar vivo, na sua existência...

Concluindo, ao esperar Deus, a sua escuta e a sua resposta... ao esperar vê-lo e esperar a sua proximidade, Job subdivide **uma única esperança: a do reencontro com Deus (o face-a-face com Deus) e Deus ele mesmo.**

É de notar que o Deus que Job espera não se reduz a um papel de mediador, que dê a Job coisas esperadas: Job nunca pede a restauração da sua situação, apesar das suas razões contra Deus, **ele pede Deus por Deus, pela pura relação.**

## **Quais são as razões da para a esperança de Job?**

Toda a razão de uma esperança revela uma racionalidade particular. Dizer «eu espero» não é o mesmo que dizer «eu sei».

Mesmo que Job diga «Eu sei que o meu redentor vive» (19,25), esta frase exhibe ao extremo o momento de certeza de esperança, que aqui aparece dominada mais pelo desafio que por um saber racional.

As razões da esperança sustinham-se pelo testemunho e da interpretação que lhe é dada. Existem cinco tipos de testemunho que podem ser evocados em relação à esperança de Job:

- o testemunho da História Sagrada;
- o testemunho da experiência dos antepassados (pais);
- o testemunho da Criação;
- o testemunho da história pessoal de Job
- e testemunho do presente.

O prólogo que apresenta Job como um homem abençoado por Deus e, portanto uma história e um testemunho de esperança que posteriormente perde toda a fecundidade (em Jb 29 Job faz anamnese de toda a sua vida). O seu próprio presente não é testemunho em nada de Deus. Se ele sofre, Deus é ele mesmo o responsável, lembrando as imagens do Deus terrível e malvado que assombram Job:

Jb 19, <sup>8</sup> Deus fechou-me o caminho, para eu não passar,  
e encheu de trevas as minhas veredas.

**A esperança de Job torna-se um enigma. Job espera em Deus sem ter qualquer fundamento para que tal aconteça.** Cabe aqui a questão de Gabriel Marcel: «**é sábio, então, esperar em Deus? A não ser que a razão de esperar em Deus seja Deus ele mesmo**». Porém, o enigma permanece.

**Job experimenta a alteridade de Deus** (a sua transcendência no seu silêncio) (Jb 19,7; 24,12; 9,3; 30,20)...

Contra todas as suas interpelações tornou-se necessária uma palavra de Deus, que é dada nos discursos de Yhwh (38-42). Neles, Deus faz entrever a Job um Deus diferente, um Deus que ele aceitará conhecer num diálogo ininterrupto: «Vou interrogar-te e tu me responderás» (Jb 42,4).

As razões comuns da esperança, no livro de Job, estão ausentes (História Sagrada), caducas (experiência dos antepassados), desmentidas (presente) e não decisivas e ambivalentes (criação e a história pessoal). A esperança de um bem futuro não encontra qualquer apoio (cf. Rm 4,18 esperar contra toda a esperança). No entanto, **se é absolutamente necessário encontrar uma esperança em Deus, então terá de se voltar para o próprio Deus.**

**O reencontro de Job com Deus (Jb 38-42) enche a espera de Job** e respondem ao seu desejo, à sua esperança fundamental, porém este Deus visto mas jamais descrito (42,5) é bem surpreendente.

A própria restauração final de Job (42,17) é algo que ele jamais esperou:

**é pura Graça de Deus.**

É a uma esperança como esta de Job que somos chamados a renovar **em cada ADVENTO... esperar em Deus, unicamente, por ele mesmo.**

**Jesus Cristo é ele mesmo a pura Graça de Deus.**



Tal como Job todos andamos a aprender a **linguagem de uma esperança até ao fim em Deus** (... *para Deus correm as lágrimas dos meus olhos. Jb 16,20; cf. 17,2-3; 19,25-27*).

Tal como Job não entendemos, mas acreditamos que Deus conhece e entende.

Tal como Job não sabemos o sentido, mas acreditamos até ao fim que Deus conhece este sentido.

Profundamente solidários com Job, todo nós passamos a vida inteira a aprender que a resposta à questão do sentido da vida, desde o início moldada pelo barro da alegria e da dor, está na capacidade de nunca desesperar, **mas sim esperar e, principalmente esperar sempre em Deus.**



# **Job: ecos de perplexidade e de esperança**

**Maria Luísa Almendra**

**Lisboa – 3.12.2012**